A VOZ DO TRABALHADOR

ANNO I — Periodico edictado pelo Circulo Operario de Propaganda Impressa — NUM. 2

DIRECTOR: — LUIZ DERIVI
GERENTE: — GREGORIO ROSA

RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, 11 DE AGOSTO DE 1912

ASSIGNATURAS: 12 numeros 1$000 | Num. avulso $100

A VOZ DO TRABALHADOR

Resurgindo hoje no seio do proletariado rio-grandense, *A Voz do Trabalhador* espera vêr os seus esforços amparados por aquelles a cuja causa se vem dedicar com o mais ascendrado enthusiasmo e com as mais firmes e sinceras convicções.

Modesto embora o orgam da classe operaria, será elle a valvula por onde se [illegible] os pensamentos e aspirações dos modernos parias que, no meio das riquezas accumuladas pelos seus proprios esforços, muitas vezes cambalem por falta de conforto e muitas vezes se definhar aquelles que lhe são casos ralados de miseria e tristezas.

A Voz do Trabalhador, interpretando os sentimentos que animam as classes trabalhadoras no actual momento historico, será o porta-voz de suas justificadas pretenções de melhorias no presente e, apregoará com firmeza dos que confiam no futuro as aspirações do operariado universal para a transformação economica da sociedade actual com o fim de restabelecer o equilibrio social, que deve ser baseado na Jusça e na Liberdade de todos para todos.

* * *

A necessidade de propagar ideias, de educar caracteres, de cultivar espiritos; a vontade de fazer participar a todos do que pensamos e do que julgamos util á nossa classe; o desejo de communicar com aquelles que por toda a parte sentem [illegible] as dôres e têm as mesmas [illegible] nossas, o intuito emfim. de estabelecer os laços da mais completa solidariedade que devem unir a classe trabalhadora — trouxe-nos a ideia de publicarmos um periodico que fosse o nosso porta-voz no seio da nossa propria classe como no seio das classes dominantes e se tornasse o éco dos nossos principios reivindicadores e o grito altivamente contra as injustiças que caracterisam a actual organisação economico-social.

Procurando orientar e ao mesmo tempo reflectir os movimentos da classe operaria, *A Voz do Trabalhador* surge sem pretenções que seriam descabidas de chefiar ou dominar collectividades operarias, mas reservando para si o direito de falar desapaixonadamente das luctas operarios, dos triumphos e dos seus erros.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para a *A Voz do Trabalhador* deverá ser endereçada á séde da «Federação Operaria do Rio Grande do Sul.» rua Santo Antonio nº 157 — Porto Alegre

—

ASSIGNATURAS

12 numeros	1$000
Numero avulso	$100

—

A Voz do Trabalhador mantem correspondentes nas principaes cidades do Estado, em S. Paulo, Rio, Buenos Aires, Portugal, Italia, etc.

—

A Voz do Trabalhador mantem uma lista de contribuições voluntarias para auxiliar sua publicação.

—

A remessa de dinheiro de fóra da capital para a *Voz da Trabalhador* deverá ser feita em vales postaes ou carta registrada com valor declarado.

A carestia da vida em Porto Alegre

I

Os trusts, factores da miseria do povo. — A Companhia Mutualidade. — A carestia dos alugueis. — Como combatel-a. — A Liga de inquilinos. — A acção das organisações operarias.

Se bem que reconheçamos ser a carestia da vida um phenomeno social, cujas causas remontam ás bases economicas sobre as quaes assenta a actual organisação da sociedade que nós, socialistas, combatemos, não deixamos de reconhecer tambem que até certo ponto podemos combater, com vantagem bastante para as classes trabalhadoras, alguns effeitos dessa mesma organisação social que directamente nos acabrunham e exploram.

Ao par do desenvolvimento industrial e commercial que se vai notando cada vez mais no Brasil vae medrando, mais ou menos disfarçadamente, o *trust*, espantoso polvo, cujos tentaculos sugam gota a gota o sangue do povo, vertendo-o, transformando em ouro, nos cofres dos capitalistas, cujo trabalho limita-se á adicção de cifras emquanto o trabalhador vê cada dia mais agravar-se a sua miseria.

Ha aqui em Porto Alegre algumas vergantéas dessa instituição, — que bem pode ser cognominada de SYNDICATOS DA [illegible] DO POVO, que vão desenvolvendo á sombra benigna da legalidade e comprimido cado vez mais o circulo de ferro dentro do qual se debatem as classes laboriosas.

Temos o *trust* de casas, representado pela já famosa *Companhia Mutualidade*, formada com o concurso de diversos capitalistas que locupletam-se prasenteiramente com os dividendos assacados á miseria daquelles que não têm um canto onde morar e se vêm obrigados a alugar casas.

Essa *Companhia*, pelas vantagens e commodidades que offerece aos proprietarios de casas ,vai cada dia açambarcando maior numero de predios e elevando cada vez mais os alugueis. de forma que desde sua fundação, estes tiveram já uma alta de 50 %, pelo menos.

Alguns proprietarios que não puzeram suas casas na *Mutualidade* mas vendo o extraordinario augmento que esta companhia estava realisando nos alugueis das casas sob a sua administração, tambem elevaram os alugueis de suas casas e eis ahi porque hoje um operario se vê em penosas difficuldades para obter um tugurio onde possa abrigar-se e sua familia.

E' facil de vêr o quanto tem arrancado a *Mutualidade* da modesta bolsa dos pobres trabalhadores, sabendo-se que tenta ella um escriptorio numa das principaes praças da capital, um pessoal administrativo bem retribuido, mantem permanentemente um advogado, cobradores, agentes, etc., dá optimos dividendos e lança ainda uma porcentagem a fundo de reserva.

Tudo isso sai das costas dos inquilinos e, dado o numero cada vez mais crescente de casas que lhe são entregues, muito breve a *Mutualidade* estará em condições de impôr aos operarios e ao povo em geral as mais penosos e vexatorios sacrificios.

E' necessario que a classe operaria, a mais directamente explorada pela insaciabilidade do *trust* de casas, procure pôr um paradeiro a um tal estado de cousas, pois não é possivel continuar esse desfalque cada vez maior aos já minguados salarios que percebem os trabalhadores.

E' preciso que as organisações operarias se entendam sobre a questão e tomem alguma providencia no sentido de fazer parar essa sangria que a *Mutualidade* vem fazendo na economia do povo.

Lembremo-nos aqui, para combater o *trust* de casas, a organisação de uma liga de inquilinos com as bases das ligas que ultimamente tão bons resultados têm dado na Republica Argentina, determinando alli uma sensivel baixa nos alugueis.

Além disso, as organisações operarias, ou mesmo a liga de inquilinos, poderão se dirigir aos poderes publicos pedindo a sua intervenção, aliás muito problematica e duvidosa, propondo ou lembrando certas medidas tendentes á baixar os alugueis.

Uma liga de inquilinos nesta capital pode-se dizer que contaria com o apoio e sympathia de todos os habitantes, pois apenas uma minoria de gananciosos é beneficiada com as especulações da *Mutualidade*, emquanto que a população se encontra exhausta pela carestia crescente dos alugueis de casas.

Fiel ao seu programma, a *Voz do Trabalhador*, apoiará toda a tentativa generosa que se fizer nesse sentido e pelo seu representante no seio da Commissão Central da *F. O. R. G. S.* desenvolverá essa questão e demonstrará o alcance que poderá ter em o nosso meio a organisação de uma liga de inquilinos para combater a carestia dos alugueis de casas.

* * *

Em numeros subsequentes falaremos sobre os outros *trusts* que em Porto Alegre são o corolario da crescente e espantosa carestia da vida.

O DIA DE OITO HORAS

Chamamos a attenção do proletariado para este explendido opusculo de propaganda operaria.

Nesta redacção a 200 réis o exemplar.

BASES DO SINDICALISMO

POR EMILIO POUGET

Excellente brochura sobre a organisação operaria. Vende-se nesta redacção a 500 réis cada exemplar.

Prevenimos

as associações que nos encarregamos de mandar imprimir todo e qualquer trabalho concernente a arte typograpgica.

Arma vencedora

Ha uma arma extraordinariamente poderosa contra a qual não valem as perseguições dos esbirros nem as violencias das autoridades; as espingardas mercenarias, as *sentenças* dos juizes e os absurdos da lei — annullam-se ante essa arma magnificamente possante e que está ao nosso alcance, ao alcance de todos os trabalhadores e ninguem lh'a poderá jamais arrebatar das mãos; o seu uso immediato e constante tudo conseguirá, desde a mais insignificante conquista economica até a sublevação do regimen burguez para o estabelecimento da sociedade da igualdade e da justiça, que é a suprema aspiração dos nossos ideais de libertarios.

Essa arma, bem differente das de morte que são postas ás mãos dos ignorantes soldados, é a arma da vida, porque toda a natureza, nas suas grandiosas e variadas manifestações, está baseada sobre ella e é ainda ella a base de todas as collectividades

Essa arma inquebrantavel que nos ha de levar um dia ao desejado ápice dos nossos ideais de liberdade e de justiça, é a — Solidariedade, o laço fecundo donde nascerá com a estabilidade social, a liberdade dos individuos.

A actual sociedade burgueza acha-se com seus alicerces corcomidos e oscila, proximo a esboroar-se, porque não tem por base a solidariedade. Nella o egoismo individual subrepujou o egoismo da especie. Das relações sociaes foi banida a solidariedade. O patrão não pode ser solidario com o operario, o rico não pode ser solidario com o pobre, o explorador não pode ser solidario com o explorado. Cada individuo, pelas circumstancias economicas em que se encontra, é inimigo de seu visinho.

A Solidariedade não é, como querem fazer crer os politicos, uma abdicação de direitos; é antes uma ampliação delles. A solidariedade reciproca de cada um não é sinão o auxilio mutuo afim de garantir a todos e a cada um a mais intensa liberdade de acção.

A Solidariedade é a força combativa e deffensiva das especies. Quanto maior fôr o grão de solidariedade numa especie, tanto mais probabilidade terá ella de se conservar.

O burguezismo, si bem que, aparentemente esteja unido para dar combate aos proletarios, soffre da falta de Solidariedade entre si, devido ás proprias condições anómalas da sua sociedade, que os obriga a fazerem a concurrencia commercial e industrial.

Por outro lado, o povo productor, cada dia mais estreita os laços de Solidariedade, estendendo-os sobre as fronteiras creadas pela estupidez patriotica e deixando antevêr que num dado momento, um gesto de Solidariedade, expresso numa gréve geral, porá fim aos dias duma sociedade que é o apanagio da mentira e da degradação.

É, pois necessario que os trabalhadores tenham bem presente que só se furtarão aos rigores e males da sociedade presente, no dia em que souberem dar as mãos em consciente amplexo de Solidariedade, offerecendo combate ás forças artificiaes que nos impedem de viver, desenvolvendo-nos no sentido das nossas tendencias, das nossas aspirações.

É só da pratica continua da Solidariedade que resultará a nossa liberdade effectiva.

Porto Alegre.

CECILIO DINORÁ.

A' Vol d'Oiseau

Dia á dia mais nos convencemos da impossibilidade da duração, ainda por muito tempo, da constituição da sociedade actual, baseada no capitalismo tyrannico, mantida pela violencia militarista.

Tudo nos induz a crêr que este estado de coisas não póde permanecer por muitos annos ainda.

A revolução regeneradora da sociedade em que vivemos dia a dia mais necessaria se torna para pôr um dique á tanta perversidade, a tanta hypocrisia, a tanta miseria e podridrão!

Os nossos valorosos companheiros do Mexico, ha já muito tempo iniciaram essa generosa obra de saneamento social, cicatrisando as purulentas chagas que os infelicitavam; e pora nós, tambem ha de chegar o dia em que, não podendo mais supportar as injustiças, as explorações de toda a especie, a miseria e a infamia, vejamo-nos na contingencia de imitar-lhes e exemplo

Sim, a ethmosfera em que vivemos cada vez mais asphyxiante se torna.

Os abusos commettidos pelos potentados e pelos burguezes já excedem todos os limites.

Ora são os assassinatos barbaros, perpetrados das maneiras as mais covardes, á ordem de figurões sociaes, collocados nas altas camadas da hierarchia nojenta desta sociedade putrefacta; ora são praticadas as mais revoltantes e abjectas acções: prostituição de desventuradas donzellas, roubos avultados nos cofres publicos, do dinheiro extorquido ao povo, ao povo honesto, ao povo trabalhador, sem que a pseuda justiça burgueza castigue os delinquentes, porque pertencem á alta camada...

O codigo penal, esse famoso livro que encerra as leis, não existe para esses individuos, para os assassinos, os prostituidores, os ladrões de casaca.

Não, esse livro foi escripto por burguezes para castigar ao desgraçado que, para não morrer de fome, rouba um pão á quem tem muitos; foi escripto por homens que vivem parasitariamente, para subjugar o povo, para exploral-o, para corromper-lhes o caracter.

Quanta miseria!... quanta ignomimia!

Mas, mudemos de assumpto e encaremos a questão sob outro ponto de vista. O capitalista, actualmente, é considerado e até mesmo bajulado por quasi todos os homens: elle tem todos os gosos, satisfaz todas as vontades, mora em luxuosos e immensos palacios, onde poder-se iam acommodar centenas de pessoas; vive, emfim, regaladamente, todos o respeitam e o lisongeiam, muito embora tenha elle accumulado dinheiro, praticando roubos, matando homens — elle não é ladrão, não é homicida.

E é por isso que, nos tempos que correm, o individuo faz-se cruel, pouco se importando com o soffrimento de centenares de homens; o que elle procura seja porque meios fôr, é chegar a ser capitalista. E' justamente isso o que acontece en-

tre patrões e operarios; estes são sacrificados em beneficio daquelles.

Nós, os operarios, nada temos, tudo nos falta porque nos roubam tudo para sustentar um exercito de ociosos, que depois, em recompensa, nos tratam como se foramos bestas.

Acossados pelo aguilhão da fome como outr'ora pelo chicote do senhor, vemo-nos constrangidos a soffrer os maiores vexames, as mais baixas humilhações, as mais torpes affrontas sem podermos reagir, porque a dura necessidade de ganharmos o pão para saciar as exigencias do estomago, obriga a humilhar-nos.

Mas ha de chegar o dia (talvez muito proximo esteja esse dia) em que o productor, cansado de supportar tanta infamia e tyrannia, se irmane aos seus companheiros espalhados por todo o mundo para protestar energicamente contra tanta miseria, contra tanta dôr! A revolução para regeneração da humanidade, será então uma realidade, e uma nova aurora de luz, de amor e de felicidade surgirá cheia de esplendor em limpido horisonte!

ANTONIO CARIBONI.

A CARESTIA DA VIDA

Um profundo mau estar se vem notando, cada dia com mais gravame, no seio das classes trabalhadoras, motivado pelas condições de vida que se tornam cada vez mais difficeis.

A classe operaria com ser completamente desfavorecida da fortuna e por ser a que menos ganha apezar de ser o que mais trabalha, vê dia a dia desapparecerem todas as esperanças de uma melhoria em suas condições de vida, pelo menos emquanto perdurar o actual estado de cousas.

Multiplas são as causas determinantes do phenomeno que, como um espectro de morte e de miseria vem ameaçando os lares daquelles que vivem do seu trabalho honesto e, por isso mesmo quiça, mal remunerado.

E porque o phenomeno não é peculiar a este ou aquelle paiz e sim se vem manifestando com um caracter geral, precisamos aprecial-o com mais profundeza e ir buscar mais longe as causas que actuam com tanta força capas de perturbar, como tem perturbado, o funccionamento do actual organismo social.

A carestia da vida não se nota apenas no Brazil, como querem aliás criticos mais ou menos superficiaes. Muito embora em o nosso paiz o desregramento governamental tenha chegado a um ponto de desmoralização inconcebivel e no qual o erario publico, producto do suór do povo, é presa dos mais audaciosos e vulgares salteadores, e apezar de sermos obrigados a sustentar um exercito que não é mais que uma guarda pretoriana, largamente estipendiada para satisfazer os caprichos dos poderosos, apezar dos factos que patenteiam uma decadencia espantosa não só entre o povo que suporta os maiores vexames, como entre os politiqueiros que delapidam o paiz, reconhecemos que a carestia de vida se estende e se agrava por toda parte e por toda parte se vae fazendo victimas e provocando reacções.

Não se trata, pois, de um phenomeno local, adstricto a um determinado paiz e sim de um pheneme-no que abrange uma sociedade ou, melhor, que affecta os principios sobre que assentam as bases economicas da sociedade actual.

Com effeito, não é necessaria grande somma de observação para se compreender que o desenvolvimento cada vez maior das industrias, fortemente auxiliadas pela machinaria, destinada a substituir com vantagem o braço trabalhador, por um lado e por outro as exigencias cada vez maiores da pretensa civilisação, que entre outras *bellezas* inventou a *paz armada*, Moloch das energias do povo, tudo isso traz como consequencia a miseria para aquelles que só do trabalho tiram a propria subsistencia.

A aplicação das machinas reduz o emprego dos braços, occasionando portanto a abundancia destes que determina por sua vez a baixa dos salarios, produzindo-se desta forma o estado de miseria em que se debate a grande maioria da familia trabalhadora.

Por sua vez os governantes, cada vez mais assediados por parasitas, e necessitando destes para fingir o prestigio social que lhes vêm negando as classes trabalhadoras, lança mão de novos e pezados tributos para cobrir as suas enormes despezas, indo assim mais ainda empobrecer a desesperar o povo.

Os capitalistas, os industriaes, os proprietarios, emfim todos aquelles que, por esta ou aquella forma, se arrogam o direito de dirigentes na actual sociedade, não se preoccupam de forma alguma com o effeito social que possa ter as suas transacções mercantis; apenas vizam ganhar dinheiro, multiplicar o capital, accrescer fortunas, muito embora isso seja a custa de vidas e sacrificios malditos dos que são a unica fonte de toda a riqueza e de todo o progresso social.

No pessimo estado actual da sociedade, a que se chegou por uma fatalidade oriunda da falsidade de suas bases economicas, as classes dirigentes perderam o instincto da solidade da especie,— base unica sob que poderá perdurar qualquer sociedade animal, — para darem surto ao instincto de conservação individual, agravado pelo estreito egoismo de classe.

Uma sociedade donde desapparece a solidariedade de especie, é uma sociedade prestes a desapparecer, destruida pelos germens intestinaes de seu proprio organismo.

As lutas titanicas que presenciamos por toda parte do mundo, nas quaes se empenham milhares de trabalhadores, muitas vezes ferindo verdadeiras batalhas com os mercenarios alugados aos potentados, são os prenuncios de uma sociedade nova que vem nascendo dos escombros da velha sociedade burgueza, cujos castellos aos poucos se vão esboroando, aos golpes dos comartellos das novas gerações e das novas ideias.

As gréves que diariamente as ondas oscillantes nos annunciam de todos os recantos do mundo, são os brados de alerta com que os trabalhadores, sentindo que se não agirem serão suffocados até a morte,— pedem a solidariedade de seus companheiros de infortunios que em todos os paizes soffrem as agruras do desequilibrio da sociedade actual.

Dia virá em que o mundo todo se levantará em ancias, para contemplar a alvorada de uma nova éra de Paz, de Trabalho e de Justiça!

Porto Alegre—1912.

CECILIO DINORÁ.

Viver para não morrer...

Quem trabalha vive—E' uma lenda que corre por ahi além, de bocca em bocca, e que não importa saber a quem pertence.

Ora, analysemos essas tres palavras, essa verdadeira trindade, como se póde dizer e vejamos que é um verdadeiro erro.

Por exemplo o operario trabalha, sacrifica-se denodadamente para adquirir a subsistencia e o que ganha por acaso chega-lhe para manter sua familia?

Não, certamente. Vive *arroxado*; si tem filhos, ainda bem pequenos tem de empregal-os, sendo essas creanças mais victimas para a exploração do sedento e insaciavel burguez.

Vê-se, nas fabricas, pobres moças trabalharem em machinas exhaustivas, onde sua saude pouco a pouco vae se depauperando com tendencia á tuberculose.

Si alguma instrucção querem receber, isto é, aprender a lêr, mal e simplesmente, têm de sacrificar-se á noite, nas horas em que deviam descansar das fadigas occasionadas por torpes e mesquinhas explorações.

Pobres moças!... quantas injustiças! quantos tormentos! E suas semelhantes, filhas de burguezes, cobertas de sedas e brilhantes ainda escarnecem-nas, atirando-lhes sobre suas faces macilentes, apoudos ironicos.

E quanto ganham essas sacrificadas moças? Uma verdadeira migalha que muitas vezes não lhes dá para comprar o necessario para abrigal-as das intemperies.

Ora, essa é bôa, e ainda dizem: — *Quem trabalha vive* — mas, é um verdadeiro viver para não morrer.

Os burguezes, por exemplo, nada fazem e ganham mais num dia do que o operario num mez; é um verdadeiro contraste o ainda dizem que seja burro quem quizer porque para isso elles *trabalham* (em grypho) para adquirirem bons rendimentos de seus capitaes.

Mas, que diabo, eu trabalho que nem uma besta e quanto mais trabalho menos chega-me o *arame*...

O inverno está a sentir-se e eu a tiritar. Dirá o leitor que estou maluco, porém, é a pura verdade, núa e crúa.

Não sei que geito darei ao corpo para comprar um sobretudo.

Irra! Já no inverno passado, por occasião dos fogos do *divino*, eu lá andava tiritando, mas, aguentei o tirão porque dizem que *quem trabalha vive* e eu fui vivendo, ou por outra, fazendo que vivia porque não se tem prazer na vida e assim como eu quantos milhares de desventurados da *sorte*, não andam soffrendo do mesmo mal.

—

Tambem corre, por ahi além, uma *trindade* que, si não me engano é positivista, comtista ou clotildiana, que não vem ao caso — *Viver para outrem* — mas todos os dias eu estou vendo o tal viver para outrem, porque os que prégam a citada religião da humanidade, vivem para si e os seus, e para mais ninguem.

—

Os taes padrecos, com suas manhas de raposas, tambem têm umas quantas divisas e no emtanto um já disse: «Façam o que eu digo e não imitem o meu proceder.»

Esses homens encobrem mysterios sinistros, debaixo daquelle negro e agorento camisolão que vestem.

Juram, pela fé do Santo Christo, fazer bem á humanidade, dar esmolas a quem precisa e amparar os velhos e as creanças orphãns, e no emtanto, não ha muito tempo, um desses *santos homens*, disse ao encarregado de um defunto pobre que lhe pedia, para encommendar gratuitamente a *alma* do amigo para que não fosse para o inferno: — *Quem é pobre não tem religião, bótem o defunto em uma carroça e levem-n'o para o cemiterio.*

Não acha o leitor que é um acto de humanidade?

—

Os militares, por exemplo, querem incutir no espirito do povo laborioso, o amor á patria, para defesa de sua integridade, mas nós, os operarios, não devemos ir na *onda*, porque o nosso sangue não é agua para ser derramado, o que nós precisamos é trabalhar menos e ganhar mais e instrucção e muita instrucção, porque isso de patria não é para nós, a nossa patria é o Universo onde ganhamos a vida. Quanto ao mais *lóróta*.

Por hoje, amigos leitores, basta.

JOÃO DA SILVA.

CORRESPONDENCIA EXTERIOR

CARTA DE PORTUGAL

A gréve dos empregados da Companhia dos Electricos. — A solidariedade operrria. — A Republica feita pelos operarios é contra os operarios. — O governo ao lado dos patrões. — A resposta do ministro inglez espanta os patrões.

Lisboa, 25 de Junho.

O ultimo movimento dos empregados da Companhia dos Eletricos, se, por um lado deu ensejo de se apreciar o valor da solidariedade operaria, por outro deu vasa a se conhecer bem as intenções dos homens que nos governam e a sua nunca desmentida soldariedade com todos os exploradores do operariado.

Como se sabe, foi a classe operaria que maior e mais resistente contingente de revolucionarios forneceu por occasião da implantação do novo regimen em Portugal. Os srs. burguezes deixaram-se ficar no quente, esperando vêr em que paravam as modas, só apparecendo como bons republicanos depois do acto consumado e quando viram triumphante a bandeira verde-rubra.

Entretanto agora, ao estalar uma greve qualquer, o primeiro gesto do *governo do povo pelo povo* é o do *garantir a ordem*, quer dizer suffocar a greve a todo transe e proteger os srs. patrões sem indagar se os grevistas têm ou não razão.

Para não desmentir que os governos só são feitos para proteger os capitalistas o novo ministerio começou fazendo sentir a sua força e o seu *amor á ordem* procurando por qualquer meio suffocar a gréve.

O novo ministerio, com efeito, estreou-se bem: convenientemente solicitado pela Companhia dos Electricos, que publicamente o considerou e para elle appellou como um governo de força está tratando de sufocar a greve pela violencia. O pretexto é, naturalmente, a famosa «liberdade de trabalho» isto é, a liberdade generosamente garantida a certos operarios inconscientes, traidores á sua classe, de inutilizar os esforços dos companheiros pelo bem-estar de todos, de furar o direito de greve, que o governo e a lei fugem respeitar. Liberdade de trabalho! Mas se é isso precisamente o que pretendem os grevistas, revoltando-se contra o excesso de autoridade e exploração patronais!

Para garantir o trabalho dos furagerves, parece em todo caso que as autoridades se deveriam limitar a protegel-os no seu serviço. Pois o seu primeiro cuidado, no dia em que deviam sair os primeiros carros, foi prenderem os militantes operarios, encerrarem associações, encarcerarem as comissões, de vigilancia e resistencia dos grevistas. Assim respeitavam o direito da greve, tratando de o destruir, impedindo as reuniões procurando aterrar e desconcertar os operarios.

Parece que foi resolvida por varias classes a greve geral de solidariedade e protesto, reclamando, como em janeiro, a reabertura das associações e a libertação dos presos. E' possivel que tal greve seja um facto e obtenha exito, sobretudo se a ella se unirem, como se afirma já o terem feito, os ferroviarios. E é possivel que o governo consiga impor-se pela violencia e pelo terror.

Mas é certo, de todos os modos, que nos elementos mais activos do operariado ficarão e lavrarão a cólera e o ressentimento. Esses elementos são tambem a melhor força politica e social. O governo quer, em troca, adquirir a plena confiança dos conservadores, os quaes nunca se batem, e aceitam, no fim de contas, qualquer situação politica...

O governa inglez é mais habil e conheca melhor a força do proletariado, sobretudo quando este... faz sentir essa força. Recentemente os armadores de Pierflect mandaram vir de Newport [illegible] para a descarga de nav[illegible] os grevistas se agitassem, as autoridades locaes pediram ás de Londres reforços, que foram recusados. Espanto dos patrões. Interpelação no parlamento. Resposta do ministro: «Os patrões mandaram vir esses homens de fóra, *dé proposito para furar a greve*: foram elles que provocaram. A policia não deve proteger patrões que promovem desordem: deve fazer respeitar a ordem e paz publica.»

Apezar do momento, que é de repressão, o governo inglez ainda é o mais habil... porque o proletariado britanico é o mais forte. *That is the question.*

JOAQUIM MINHOTO.

A Guerra

As guerras não dependem, hoje, da phantasia pessoal dos principes ou dos membros governamentaes. Estes são apenas instrumentos, bonifrates postos á frente, ao passo que os verdadeiros autores ficam em segundo plano. Os verdadeiros reis são os financeiros, os banqueiros, os capitalistas. Os proprios capitalistas sabem-no muito bem. Ha annos estava a Europa mais uma vez ameaçada por uma guerra. Por essa occasião houve em Paris um grande baile onde estiveram diplomatas e tambem M.me Rothschild. Um desses diplamatas depois de dançar com ella, perguntou-lhe:

— Que diz, minha senhora, ha ou não ha guerra?

A mulher de Rothschild deu uma resposta breve e clara, e que todo o operario deve gravar na memoria; é mais eloquente do que todos os livros, de que longas exposições. Ella respondeu:

— Não senhor; não ha. Meu marido não dá dinheiro!...

O dinheiro è, pois, o nervo da guerra.

Porque se fazia na antiguidade a guerra? Porque se faz ainda hoje?

Primeiramente é a fome que leva a isso. Nos tempos primitivos, o homem selvagem tinha um interesse em fazer a guerra. Se era vencedor, o seu inimigo era o seu banquete. Mais tarde, a sua posição tornou-se outra, mas a guerra ficou no fundo a mesma coisa. O vencedor fazia trabalhar o vencido em seu proveito. Apoderava-se do solo, dos meios de producção e como consequencia podia melhor prover ás suas necessidades.

E' o que sucede hoje, como succedeu já na edade media. Os industriaes, os capitalistas produzem sempre mais, mas que devem fazer dos seus productos? Devem procurar novos mercados ás suas fazendas. As nossas guerras são pois guerras commerciaes, sociaes. Em vez de augmentar neste lugar o numero de consumidores de modo que estes comprem os generos, procura-se fóra o mercado. Os nossos economistas gritam que ha superproducção visto que têm os seus armazens a abarrotar, ao passo que os productores não ganham quasi nada. Isto é uma mentira. Não é *super* producção, é *sub* consumo que deve dizer-se. Como Fourrrier disse um dia: «nós soffremos de miseria porque ha muito», nós temos fome porque ha muito pão, nós andamos mal vestidos porque ha muito fato, nós não temos sapatos porque ha mui-

tos sapatos. Eis o sabio contrasenso que nos ensinam as universidades! Portanto faz-se a guerra para encontrar novos mercados em todos os pontos da terra, com o fim de dar vasão aos *stocks*. As nossas guerras provêm das nossas más relações sociaes. Ellas têm ainda outra consequencia: ellas servem de um desafogo para os povos da Europa, como fazia notar um general. Ha tantos sem trabalho!

Isto acabou por constituir um perigo. Se por uma guerra podem desembaraçar-se de todos esses elementos incomodos, ella é uma verdadeira valvula de segurança para a nossa sociedade.

Portanto a guerra tem um duplo fim: desembaraçar de mercadorias e desembaraçar de pessoas incommodas.

Porque, pois, as guerras? Porque os homens de dinheiro as querem, porque ellas enchem lhes os cofres. E é preciso que estes estejam cheios, porque para a burguesia o dinheiro vale mais do que os homens. Ganhar dinheiro, eis o supremo fim da burguesia e podem estar seguros de que um burguês sacrificaria a *sua patria* a perder uma occasião de enriquecer. Não foram capitalistas inglezes que forneceram ás republicas sul-africanas os canhões e as munições que serviram mais tarde para dar cabo dos soldades inglezes?

O ministro Chamberlaim não era um dos maiores acionistas da fabrica de armas de guerra que fazia tão bellos negocios com os fornecimentos para as republicas sul-aricanas?

As fabricas inglesas e allemãs não vendiam aos chineses a artilharia, as espingardas de que estes se serviram depois contra as potencias colligadas?

Toda a guerra chino-japoneza não foi outra coisa senão uma obra combinada pelos financeiros. Pois bem! os financeiros constituem a burguesia.

Todas as guerras são egualmente guerras de banqueiros.

DOMELA NIEUWENHUIS.

Momento opportuno

« A opinião do homem, é sempre pautada pela sua condição social.»

Shakespeare.

Luz, luz purificadora e bella que se entranha em todos os cerebros dos homens que trabalham que invada todos os casebres onde reina a paz.

Luz, em jorros, a transbordar delirantemente, é o que o operario necessita para a conquista de seus direitos.

Ninguem poderá contestar que a maior necessidade no movimento operario que ora se agita, é a creação de um jornal, orgam de propaganda operaria.

Nada poderá produzir resultados praticos em favor da ideia que defendemos, como um jornal.

Com o poder da imprensa já quebraram se as algemas fortes do obscurantismo, da escravidão.

A imprensa é o maior factor da nossa cultura intellectual.

Representa a fraternidade dos povos, fazendo-nos todos irmãos.

O jornal é a boa e pacifica arma de defeza; entra em todas as casas; dissemina todas as ideias, invade todos os centros e pugna por todas as liberdades.

Introduz os nossos pensamentos, representa o nosso credo, o evangelho do nosso amor.

Operarios! amparae o nosso orgam.

O jornal leva de uma sociedade obreira a outra o brado de ALERTA, e as lições da experiencia na lucta em que nós todos estamos empenhados sob a egide da Justiça e do Direito.

Associe-se o operario, procure unir-se e consolidar as forças de todos para fazer uma só força poderosa e indestrutivel, procure instruir-se, procure estudar a questão social, as causas e os effeitos que o reduzem a um meio de exploração e de producção sem nada possuir do fructo do seu trabalho.

Procure aperfeiçoar a intelligencia com a sciencia e com as ideias modernas, para melhor conhecer o motivo porque deve luctar pela liberdade e para saber dirigir-se no caminho da sua emancipação, para conquistar o bem estar proprio e da collectividade para transformar essa «Sociedade», de desigualdades sociaes, em outra Sociedade nova, firmada nos principios da moral, da verdade e da justiça conforme nos ensina a verdadeira razão e as leis naturaes, consolidadas com o verdadeiro amor por toda a humanidade.

Operarios! á postos!...

Quem na lucta não avança perde a acção.

Marchamos, pois!...

Bagé, 1912

PLACIDO PERES DE BITTENCOURT.

BASTA!...

Os factos escandalosos que diariamente a nossos olhos se desenrolam, demonstram-nos claramente a necessidade imperiosa que cada vez, com mais urgencia se impõe, de que o proletariado, a victima principal que soffre as consequencias dos roubos avultadissimos, dos esbanjamentos indecentes, com bambochatas e orgias, e finalmente, dos crimes de toda a especie, postos em pratica pelos governantes, desperte desse lamentavel estado de lethargia em que infortunadamente ainda permanece, e faça ouvir o seu brado de revolta contra a situação tristissima da época actual.

Do norte á sul, do este á oeste, a rapinagem, os assassinios, as orgias, imperam abertamente, tendo por protagonistas homens collocados nas mais altas espheras sociaes e conseguintemente, fóra do alcance da denominada justiça; pois que para essa gente (isto ninguem logicamente contesta) as leis, que só foram escriptas para opprimir o povo honesto, não existem.

Furtos, assassinatos e esbanjamentos do erario extorquido ao trabalho do operario quasi já se não commentam, tão acostumados estamos a vel-os registados, como obras primas dos potentados, nos jornaes. Para confirmar o que asseveramos, provas não nos faltariam si as quizessemos, o que julgamos desnecessario fazer, visto estarem os factos que poderiamos relatar, no dominio de todos, e por isso, vamos tão somente limitar-nos a frizar os ultimos acontecimentos, occorridos cá na terra que valeu á gloria de Cabral, e que crêmos serem bastantes para comprovar exhuberantemente, a crueldade, a falta de moralidade e o nenhum criterio dos homens do poder.

Vejamos: O maxixe realisado no palacio do Ministerio da Agricultura, por motivo do regresso da excursão do dr. Pedro Toledo no qual compareceu além da fina flôr da sociedade carioca, o sr. presidente da Republica com sua exma. familia, e onde, segundo noticiaram algumas folhas fluminenses, deram-se scenas escandalossimas, só comparaveis com as que podem ser presenciadas entre as infelizes hectairas dos beccos; os escandalos quasi que diarios, entre os srs. deputados, na camara, onde se ha muito já desappareceu, ou melhor, nunca existiu o criterio, os massacres do povo, por questões de intrigas de politiqueiros ambiciosos, em alguns Estados do Norte; os desfalques dados, ha poucos mezes, por dois intendentes dos municipios de duas cidades, cá do Sul; e para terminar, o furto dos dois caxotes contendo a importante somma de mil e quatrocentos contos...

E depois de todos estes desatinos que constituem verdadeiras aberrações no estado do progresso hodierno, e de cujas consequencias soffremos-lhes nós o rigor, quando cançados de soffrer sob o jugo tyrannico que nos opprime e que tão amarga nos faz a existencia, extenuados pelo trabalho brutal e continuo e pelas privações de toda a casta que soffremos, supplicamos um pouco de justiça, fazem-nos ouvidos de mercador; si com energia a reclamamos, espancam-nos e encarceram-nos si reduzidos a extrema miseria nos revtamos, matam-nos!

Nestas condições — seremos alguma coisa mais do que tristes escravos?.. Nossas supplicas não são ouvidas, nossas revoltas são abafadas.

Basta!... Urge que nos unamos e que numa acção conjuncta, energica, nos libertemos da escravidão moderna...

ANTONIO CARIBONI.

Movimento associativo

Santa Maria

De passagem pela prospera e florescente cidade de S. Maria, tivemos occasião de observar o decidido esforço e boa vontade que empreza um pugillo de denodados companheiros para arregimentarem ás classes trabalhadoras, afim de habilitarem-se á conquista de suas vitaes e legitimas aspirações.

Visitamos a séde do *Centro das Classes Laboriosas*, onde fizemos uma modesta prelecção, consitando os companheiros a não esmorecerem em sua nobilitante jornada, tendo presente que justas como são as nossas pretenções, facilmente conseguiremos nosso *desideratum*, uma vez que, unidos e cohesos, marchemos impavidos, serenos e altivos pugnando incessantemente pela victoria de nosso sublime idial.

Grato nos é deixar aqui consignado que nossas palavras calaram beneficamente no espirito de nossos valorosos companheiros da citada associação, que incansaveis em prodigalisar-nos innumeras finezas, que agradecemos e os quaes mostram-se dispostos a trabalhar pela reivindicação de nossos direitos postergados.

Um bravo aos intemeratos companheiros do *Centro das Classes Laboriosas* e á sua digna e progressista directoria, á frente de cujos destinos encontra-se o espirito esclarecido do competente e abnegado companheiro Marcinio Gonçalves da Silva.

Porto Alegre, 3—8—912.

M. A. OLIVEIRA,

Federação Operaria do Rio Grande do Sul

Directoria:

Presidente, Luiz Derivi; secretario, Polydoro Santos; thezoureiro, Joaquim Hoffmeister.

Delegados:

José Thomas, da União dos Pedreiros e Classes Annexas; Gregorio Rosa, da União Metallurgica; Anastacio Gago Filho, da União Operaria Internacional; Manoel Franco, do Circulo Operario; Julião Fonteura, da União Typographica; Attilio Fornari, da Lyra Operaria; Luiz Derivi, da União dos Trabalhadores de Montenegro; Alberto Kruse, da Escola Operaria.

Commissão de contas:

Arthur Hoffmann, Manoel Aguiar e Alberto Kruse.

Commissão fiscal da Escola:

Anastacio Gago Filho, Alberto Kruse e Jeronymo Baptista.

Director da Escola Operaria João Camara.

Comissão Constructora do Atheneu Operario:

André Gonçalves, Luiz Derivi, Thomé Pereira, Guilherme Koch Carlos Nogueira, Adolpho Ketschner, Felicio Andrioli, Joaquim Hoffmeister, Anastacio Gago Filho, Gregorio Rosa, Narciso Berlese, Alberto Kruse, Manoel Aguiar e Alfredo dos Santos.

Presidente, Felicio Andreoli; secretario, Alberto Kruse; thezoureiro Manoel Silveira de Aguiar; membros: André Gonçalves, Guilherme Koch, Thomé Pereira, José Mesquita, Narciso Berlese.

Commissão Editora da *Voz do Trabalhador*:

Antonio Cariboni, Luiz Derivi e Polydoro Santos; archivista Carlos Toffolo; thesoureiro Joaquim Hoffmeister.

Vozes e Factos

Operarios catholicos...

Uma folha local, noticiou, ha dias, que por occasião do anniversario natalicio do monsenhor Octaviano de Albuquerque, a «Alliança Catholica Operaria», offereceu-lhe um banquete, havendo feito uso da palavra dois sargentos e um cabo da milicia estadual.

Octaviano, agradecendo a homenagem que aquella agremiação lhe prestava, saudou o commandante da brigada militar, representado pelos seus subordinados alli presentes

Pelo visto a tal «Alliauça Catholica Operaria» é composta exclusivamente por soldados...

Valha-nos isso!...

Mudança de séde

A sociedade de operarios allemães — *Allgemeiner Arbeiter Verein* acaba de transferir sua sède social para o salão á rua Commendador Azevedo n. 26.

Ahi continuam as palestras que semanalmente costumavam ser dadas sobre assumptos sociaes e operarios.

Lyra Operaria

Essa aggremiação, composta de elementos operarios, está tratando de completar o seu material instrumental.

Para isso dirigiu circular ás associações operarias solicitando um auxilio, tendo sido muito bem correspondido esse pedido.

Correspondencia

A *Voz do Trabalhador* está constituindo correspondentes nas principaes capitaes do extrangeiro com o fim de pôr o nosso proletariado ao corrente do que se vai passando entre as classes trabalhadoras de toda a parte do mundo.

Do nosso correspondente Joaquim Minhoto publicamos hoje a primeira Carta de Portugal, na qual encontrarão os nossos leitores algumas noticias e commentarios interessantes sobre o movimento operario.

Está em nosso poder a segunda Carta de Buenos Aires, do nosso correspondente Juan Madero, e que deixa de apparecer no presente numero pela escassez de tempo para traduzil-a.

Em numeros subsequentes publicaremos cartas de França, da Italia, da Russia, dos Estados Unidos, do Chile, de Cuba, etc.

A *Voz do Trabalhador* procurará assim se tornar o mais possivel util ao proletariado riograndense.

União Typographica

Esta associação local, acaba de entrar em nova phase de existencia, tal é o numero de novos associados que dia a dia se têm feito propôr, que já conta esta associação, com mais da terceira parte dos graphicos nesta capital como seus associados.

A sua actual directoria está empenhada, entre outras cousas, em estabelecer uma séde social no centro da cidade, organisar a sua bibliotheca, além de outros melhoramentos.

Que se torne em realidade dentro em breve, é o que sinceramente almejamos.

União Graphiuo

Por pessoa recentemente chegada do Rio Grande, sabemos que a classe typographica dalli acha-se muito enthusiasmada com a recente fundação dessa sociedade, estando a sua actual directoria empenhada e trabalhando sem esmorecimentos, para o alevantamento moral da classe naquella cidade.

Sabemos mais que, está sendo por aquella sociedade organisada uma tabella de preços, que será opportunamente apresentada aos donos de typographias dalli, pedindo augmento do preço do milheiro.

Sabemos, mais que nesse sentido aquella sociedade dirigiu-se á *União Typographica* daqui informando do preço estipulado nesta capital, tendo pela mesma sido enviada uma relação dos preços estabelecidos em varias officinas de accordo com a qual aquella sociedade, organisará a tabella a que nos referimos acima.

Que os esforços daquelles denodados companheiros sejam coroados de propicios resultados é o que desejamos

União Typographica Gutenberg

Esta sociedade com séde na cidade de Pelotas, realisou domingo, 28 do proximo passado, a festa de adopção do seu estandarte, a qual revestiu-se de toda a solennidade, tendo o prestito partido as 2 horas da tarde da séde da *Liga Operaria* para a loja maçonica *Rio Branco*, onde realisou se a sessão solenne.

União Typographica desta capital se faz representar em todas aquellas solennidades pelo companheiro Ignacio Alves Ferreira, residente naquella cidade.

O LIVRO

Mario naquelle dia havia chegado fóra da hora á casa.

O seu semblante demonstrava bem caracteristicamente que algo de extraordinario se tinha passado, pois estava extremamente agitado muito embora quizesse apparentar, com a sua peculiar presença de espirito, que simplesmente estava um pouco adoentado.

Minutos após sua chegada inesperada, disse-lhe sua irmãsinha Dulce: O Dia de Natal está perto e eu quero um presente. Um livro e fico satisfeita.

Mario, meneando a cabeça, simplesmente respondeu:

— Sim... Terás um livro...

* * *

Mario estava desde aquelle dia sem trabalho e quem sabe até quando o ficaria sem elle...

Um pequeno motivo dera margem á sua despedida da officida onde ganhava o pão para sua familia.

Os dias se iam passando e Mario procurando occultar o que lhe havia acontecido passava as horas determinadas de trabalhar, de um para outro ponto da cidade, a procura de collocação.

Embora fosse habil na sua profissão era uma época de difficuldades para encontrar uma outra officina, pois que todas quantas haviam estavam com empregados sufficientes e além disso era Mario novato no lugar, sendo, portanto, pouco conhecido.

Os dias continuavam, sem interrupção, a se passarem e Mario já sem dinheiro estava em condições afflictivas.

* * *

Era na vespera do Dia de Natal. Mario muito cedo despediu-se e sahiu.

Comsigo, intimamente, ia odeando e desprezando ao mesmo tempo esta sociedade pervertida e que tem por manto, a pretender encobrir-lhe as mazellas, a capa da hypocrisia.

Sahira mais uma vez em busca de trabalho. Depois de muito andar chegou numa casa onde havia o seguinte cartaz na vitrina:

«Precisa-se de um empregado.»

E... Mario estava empregado. Teria novamente a alegria de outr'ora. Começaria o trabalho depois do Natal conforme ficára combinado.

* * *

No dia seguinte, Natal, mais cedo ainda do que o costume Mario sahiu,

Uma idéa o perturbava ainda...

De que forma iria comprar o livro para sua irmasinha si não tinha vintem?

Mil planos fazia e mil impossiveis encontrava. No emtanto havia promettido.

Depois disse comsigo: — Dir-lhe-ei a verdade. O livro irá depois.

* * *

No caminho foi já encontrado pela sua Dulce que ia dizendo:

— O livro? Onde está o livro? Não veio já sei...

— Não veio, é verdade, respondeu Mario. Não encontrei uma livraria que tivesse um livro para leres. No outro Natal talvez tenha...

E Dulce muito triste nada mais respondeu. Parecia até haver comprehendido tudo.

* * *

Mario foi feliz com o novo emprego e com o primeiro dinheiro fez a compra do livro e o entregou á Dulce dizendo-lhe: o teu Natal é hoje.

* * *

Continha o livro algumas photographias e eram de Francisco Ferrer, Maximo Gorki e outros, alguns mortos como Ferrer e outros vivos como Gorki.

E depois continuou Mario: — Si a doutrina pregada por estes homens tivesse já derrubado a esta sociedade perfida e mesquinha, apezar de moribunda e a sociedade futura estivesse consolidada, tu terias o teu livro no dia em que o querias.

....

HENQUERI DU TARMES.

Nova sociedade

Sabemos que a classe typographica de Santa Maria trata da fundação de uma sociedade, para curar de seus interesses, e que para esse fim brevemente será convocada a mesma para uma reunião afim de serem assentadas as bases da fundação da nova sociedade.

Fazemos votos para que se torne em realidade essa noticia.

Manoel Moscoso

Um grupo de operarios amigos e admiradores do saudoso propagandista operario Manoel Moscoso, ultimamente fallecido em Buenos Aires, cogita reunir em livro diversos artigos publicados em periodicos por aquelle propagandista.

Nesta capital, onde Moscoso por occasião de sua estada aqui, deixou grande numero de amigos e apreciadores, a ideia de se prestar essa homenagem á sua memoria tem encontrado muita sympathia.

Os nossos companheiros Joaquim Hoffmeister e Polydoro Santos possuem listas onde podem subscrever com algum auxilio para a referida publicação aquelles que quizerem obter um exemplar da obra de Manoel Moscoso.

Bolça de occupações

A «Bolça de Occupações», instituida pela *F. O. R. G. S.*, tem dado os melhores resultados para o operariado desta capital.

Diariamente são affixados na séde da Federação os pedidos e offertas de operarios, o que facilita aos operarios desoccupados encontrar trabalho.

Noutro logar encontrarão os nossos leitores o movimento da Bolça.

Delegados á F. O. R. G. S.

Sabemos que dentro em breve serão nomeados delegados para representar as sociedades *União Operaria*, do Livramento, *União dos Graphicos*, do Rio Grande, e *Centro das Classes Laboriosas*, de Santa Maria, junto á *Federação Operaria do Rio Grande do Sul.*

Consta-nos com bons fundamentos que estão indigitados para occupar esses cargos os operarios Antonio Joaquim Tavares (pela *União dos Graphicos*), Manoel Alves de Oliveira (pela *União Operaria*) e Marolino A. da Silva (pelo *Centro das Classes Laboriosas*.

Para o «Atheneu»

Com o fim de proporcionar um auxilio para as obras do *Atheneu Operario*, um grupo de proletarios está organisando o programma de uma série de conferencias operarias, que serão levadas a effeito num dos melhores salões desta capital.

«A Voz do Trabalhador»

A's pessoas a quem temos enviado o nosso periodico, não o querendo assignar, rogamos a fineza de nos devolver os exemplares recebidos.

Lyra Oriental

Esta sociedade musical composta de operarios e regida pelo nosso companheiro André Gonçalves, mudou sua séde social do Areal da Baroneza, onde funccionava ha alguns annos, para a rua Lopo Gonçalves n. 49.

Atheneu Operario

Tendo de começar as obras para o edificio do Athenen Operario, previno aos companheiro operarios que ainda possuem *Coupons* para angariar donativos pará amesma, fazerem o especial favor de virem entregar as quantias angariadas, afim de não serem procurados

O Thesoureiro,
MANOEL SILVEIRA DE AGUIAR.

O ENSINO RACIONAL

Conferencia sobre a educação racional, realizada pelo dr. Mauricio de Medeiros; 1 vol 500 rs. Nesta redacção.

A GUERRA SOCIAL

Assinagturas:
Anno.. 8$000 — Semestre.. 4$000

Ignorancia ou estupidez?

Assombra-nos e ao mesmo tempo enche-nos de lastima o que estamos observando em todo o Brasil, especialmente neste Estado em relação ao incremente que vae tomando o clericalismo.

Por toda parte cresce de uma forma desastrosa o numero de padres e com elles os collegios, as egrejas e o dominio moral.

O povo, indifferentemente, vê aportar ás nossas povoações essa horda de vampiros mas, dias depois, seduzidos não sabemos porque causas, vae entregar-lhe os filhos, levar-lhe o auxilio criminoso de seu salario a titulo de mensalidade devida a instrucção desses filhos, não vendo, não comprehendendo, que a educação clerical, mesmo sem o ensino religioso, leva no amago o germen hypocrita e pernicioso do servilismo, da revolta contra o bom-senso e contro a razão.

A imprensa criminosamente, annuncia sem commentarios ou ainda cercando de elogios pomposos, os actos da religião.

Ora é a noticia estupidificante da creação de mais um bispado, dada como um alto favor feito ao nosso progresso e civilisação; ora a da entrada para um convento de diversas jovens, ignorantes e fanatisadas, a quem os paes, sem consciencia do crime praticado, permittiram a frequencia dos templos e o convivio com esses malditos destruidores da paz e felicidade dos lares.

E' de todo o ponto impossivel avaliar os tremendos males que tal procedimento cria ao futuro do Brasil.

Hoje, sob o titulo de educadores, semeiam nas almas infantis principios de docilidade, resignação e subservancia; matam-lhes nas almas as nobres qualidades de independencia, de altivez de caracter, de aspirações sublimes ao conhecimento do mundo e das cousas; amanhã, firmados no ascendente tomado pela educação, tornam-se orientadores desses mesmos alumnos, dominando os na sociedade e no lar, no qual se tornam senhores espirituaes, como padres; depois, senhores do dominio de paes e filhos, exigem o poder politico e ditam leis, impõem crenças e vontade até transformarem-se como já foram — algozes da Humanidade.

Eis a obra que preparam os indifferentes para si e para as futuras gerações.

Depois; só mesmo uma criminosa acquiescencia ou uma fatal cegueira pode deixar de ver que os padres se enriquecem, tomando pelo capital uma força importante sobre os governos.

A proficencia dessas infelizes moças nos conventos, e, ademais da morte moral, a ruina da familia, o desmoronar da felicidade.

Não só ellas se abysmam em terrivel oceano de males, pois sacrificam a sua liberdade, a felicidade dos paes e a ventura de serem uteis á familia e a Humanidade, como ariscam o futuro dos que as amam ou estimam, pelo mau exemplo de abandonarem os deveres que tem para a sociedade.

Transformam-se em ociosas, em inuteis, sujeitam-se a uma talvez terrivel lucta da materia contra o preconceito e (como tantas vezes se tem visto) quem sabe até se não irão servir de pasto á lascivia dos seus padres confessores e directores!...

A egreja, reduzindo jovens bellas e simples, adquire: em primeiro logar mais fortunas, posto que o fanatismo as faz desistir dos bens materiaes em favor do convento; em segundo, arranja serralhos escolhidos para os seus padres, os quaes, homens como são, não podem deixar de sentir os fremitos da carne em presença da plastica dessas bestificadas creaturas a quem só a mentira religiosa inspira.

E' por isso que do fundo d'alma amaldiçoamos a Egreja e aquelles a que a apoiam...

Como homem odiamol-a, como cidadão combatemol-a, como livre pensador, criticamol-a e havemos de esgotar a vida escalpellando-lhe as mazellas como o cirurgião ás podridões que ameaçam os organismos.

Guerra, guerra de morte á egreja, aos padres e ás religiões!

Abaixo a ignorancia e a estupidez dos que a defendem!

G. C.

ECHOS DO TRABALHO

Pela marcinaria

Como se sabe existem nesta capital dois estabelecimentos que entre outras industrias exploram a de marcenaria, fazendo forte concorrencia ás demais casas de igual genero de industria.

Esses estabelecimentos, que são a Casa de Correcção e a Escola de Engenharia, pelo facto de não pagarem os direitos bastantes pesados que oneram as demais casas e por terem quasi de graça a mão de obra, encontram-se em condições de fazer uma concorrencia desleal aos industriaes, o que traz como consequencia a rebaixa dos salarios dos operarios que procuram viver de seu officio.

E' sabido que na Casa Correcção a officina de marcinaria dispõe de bons officiaes que são pobres e infelizes sentenciados, que percebem de salario a ridicula importancia de 300 réis por dia, de 10 ou 11 horas, com casa e comida!...

O governo do Estodo está assim concorrendo cada vez mais para a miseria dos trabalhadores, tornando-se necessario que estes procurem um meio de reagir contra uma tal especulação que ha já annos vêm embaraçando a industria riograndense.

Uma outra especulação que igualmente está em muito concorrendo para a rebaixa de salarios, é uma especie de *trust* organisado pelos donos de depositos de moveis que combinam entre si a pagar determinados preços aos fabricantes fazendo com que estes, para satisfazelos, reduzam os salarios de seus operarios que, ás vezes, levados pela necessidade são obrigados a se sujeitarem.

Ha officinas que até chegaram a inventar um novo systema de trabalho, aliasbastante engenhoso, mas prejudicalissimo aos operarios Na fabrica Kappel, por exemplo, arranjaram os proprietarios alguns operarios de sua *comfiança* e entregam-lhe toda a obra. Estes previlegiados dão então o trabalho para os outros operarios, de empreitada marcando-lhes preços inferiores aos que são pagos pelos donos da fabrica, De forma que os pobres operarios são duplamente explorados e até pelos seus proprios companheiros, que em recompensa recebem no fim do anno uma *generosa gratificação* dos patrões.

Pensam assim os srs. Kappel poder satisfazer as exigencias de *trust* dos srs proprietarios de depositos.

O *trust* de moveis é chefiado pelos srs. J. F. da Cunha, Jonathas Travassos, Donato Castilhos, Zeferino. Pettezol, Manoel Pereira e outros. Esses srs ameaçam ainda rebaixar ainda mais os preços.

Em todo o caso talvez que acção deste *trust* faça com que os marcineiros compreendam a necessidade de se unirem para dar combate á certos proprietarios de casas que cada dia mais exploram os seus operarios.

Entre esses proprietarios que desalmadamente arrancam nos o o couro, ha alguns até como por exemplo os srs. Jamardos, que vexam os operarios ao ponto de prohibir-lhes que falem durante o trabalho Não lhes ficam atraz os Balduino Schuk, Arbós & Salvador, Kappel & Sanguinete, Julio Oder, José dos Santos e outros.

Para pôr um paradeiro a tanta exploração que cada dia vae atirando-nos e as nossas familias na mais triste miseria, appello para os marcineiros, torneiros e lustradores para que se reunam e fundam um Syndicato para melhor melhor nos entendermos e poder dar combate em prol dos nossos direitos e da nossa vida.

Sejamos solidarios, companheiros, e formemos uma agremiação capaz de poder mandar fazer alto aos exploradores do nosso honrado trabalho.

Precisamos agir!...

ESTEVAM SUVARINE
Marcineiro

—

Aos Chapeleiros

Tendo os proprietarios da fabrica de chapéos «Pelotense» annunciado em diversos jornaes desta capital e escripto a um nosso companheiro precisar de dois planchadores e outros bons officiaes, julgamos conveniente prevenir aos chapeleiros que não se deixem illudir. O gerente daquella fabrica ás vezes anda atacado dos nervos e nessas occasiões é presa da mania de impôr certas cousas que um operario consciente não pode admittir e além disso o trabalho é dado por peça e por preços infimos.

Igualmente julgamos de interesse dizer que existem lá alguns operarios pouco recommendaveis e que em vez de reclamarem os seus direitos, costumam *engrossar* o gerente que as mais das vezes não tem comtemplação de especie alguma com ninguem.

O horario de trabalho é ali tambem superior ao conquistado aqui pelo operariado.

Na *União dos Chapeleiros* ha pessoa que dará mais minuciosas informações aos interressados.

U. C.

Associações operarias

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO GRANDE DO SUL. — Séde: Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões ordinarias da Commissão Central no primeiro domingo de cada mez.

UNIÃO METALLURGICA (federada). — Séde: Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões ordinarias no primeira domingo de cada mez.

UNIÃO TYPOGRAPHICA (federada). — Séde: Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões ordinarias no segundo domingo de cada mez.

UNIÃO DOS ARTIFICES SAPATEIROS (federada). — Sédé: Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões ordinarias no segundo domingo de cada mez.

UNIÃO OPERARIA INTERNACIONAL (federada). — Sédde: Ruato Antonio n. 157. — Sessão ordinaria no segundo domingo de cada mez.

ALLGMEINER ARBEITER VEREIN (federadada). — Séde: Rua Commendador Azevedo n. 26.

UNIÃO DOS CHAPELEIROS. — Séde: — Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões ordinarias no primeiro domingo de cada mez.

CIRCULO OPERARIO DE PROPAGANDA IMPRESSA (federado). — Séde: Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões ás terças-feiras de cada semana.

UNIÃO DOS ESTIVADORES. — Séde: Rua Santo Antonio n. 157.

UNIÃO DOS PEDREIROS E CLASSES ANEXAS. — Séde: Rua Santo Antonio n. 157. — Sessões uma vez por mez em dias indeterminados. — Tambem federada.

UNIÃO DOS TRABALHADORES EM MADEIRA. — Séde: Rua Ramiro Barcellos, 87.

UNIÃO DOS CORREEIROS E OFFICIOS ANNEXOS. — Séde: Rua Aurora n. 184.

SOCIEDADE POLACA NAPZOD (federada). — Séde: Rua Tiradentes n. 1.

UNIÃO DOS EMPREGADOS EM PADARIA. — Séde: Rua Lopo Gonçalves n. 41.

ESCOLA OPERARIA. — Mantida pela F. O. R. G. S., funcciona na respectiva séde.

Horario das aulas: todos os dias uteis, com excepção dos sabbados, das 7 ás 10 horas da noute.

BIBLIOTHECA OPERARIA. — A «União Operaria Internacional» mentém em sua séde social uma bibliotheca que é franca aos operarios. Funcciona todos os dias uteis, das 6 horas da tarde, ás 10 horas da noute, e aos domingos das 8 ás 12 horas do dia.

Atheneu Operario do Rio Grande do Sul

Ha tres annos é a constante preoccupação de um punhado de operarios, propugnadores do bem estar de sua classe, a construcção do Atheneu Operario do Rio Grande do Sul.

Com o auxilio dado pela municipalidade de Porto Alegre, fôra feita a aquisição do terreno destinado ao edificio do Atheneu, que deverá ser erguido no Campo da Redempção ao lado direito do Collegio Militar.

Ha dois annos o architecto sr. José Gaudenzzi confeccionou uma planta para o edificio do Atheneu Por julgar a Commissão de Construcção que o orçamento feito para a execução da referida planta era superior ás posses momentaneas do proletariado porto-alegrense, solicitou daquelle architecto a feitura de uma outra planta que conciliasse a maxima commodidade para o fim a que era destinado o Atheneu com as posses dos que se empenhavam pela sua consecussão.

A planta, foi apresentada pelo sr. José Gaudenzzi á Comissão Central da *Federação Operaria*, que, depois de examinal-a e approval-a entregou-a á Commissão Constructora que lhe vai dar execussão.

O operario instruido é maior que o burguez ignorante.